

Filosofia, ensino e emancipação

4

Philosophy, education and emancipation

Paulino Eidt*
Celso Eidt**

Resumo: O texto apresenta elementos textuais dos escritos do jovem Marx, onde se encontra um núcleo conceitual que trata da problemática relação entre filosofia e mundo. Aspectos teóricos presentes já nos primeiros escritos do filósofo onde fica clara a exigência de promover a interação entre pensamento e realidade, ou seja, tratar da tradição filosófica sem descuidar do trato de temas e dilemas do contexto. Assim, o texto apresenta referências da posição filosófica pela qual Marx faz frente ao caráter especulativo da filosofia alemã, para propor, já na revisão da filosofia política de Hegel, que a crítica do céu se transforme em crítica da Terra. O que singulariza um pensamento dessa natureza é a capacidade emancipatória da filosofia. No lugar da mera contemplação, Marx propõe a possibilidade de realizar a filosofia no mundo.

Palavras-chave: Filosofia. Crítica. Ensino. Autonomia.

Abstract: The text presents textual elements from young Marx's writings, where it is found a conceptual core which addresses the problematic relation between philosophy and world. Theoretical aspects present in the philosopher's first writings in which the exigency of promoting the interaction between thought and reality is clear, in other words, treating the philosophical tradition without neglecting to treat themes and dilemmas of the context. Thus, the text presents references of the philosophical position by which Marx faces the speculative character of German philosophy, to propose, on the review of Hegel's political philosophy, that the criticism of heaven turns into the criticism of earth. What singularizes

* Doutor em Ciências Sociais. Professor na Rede de Ensino Pública de Santa Catarina. Professor no Programa de Mestrado em Educação da Universidade do Oeste de Santa Catarina (Unoesc).

E-mail: paulino.eidt@unoesc.edu.br

** *E-mail:* celsoeidt@gmail.com

a thought of this nature is the philosophy's emancipatory capability. Instead of mere contemplation, Marx proposes the possibility of performing philosophy in the world.

Keywords: Philosophy. Criticism. Teaching. Autonomy.

Introdução

A histórica exclusão da filosofia e das humanidades em geral das instituições escolares brasileiras, o pragmatismo e o imediatismo sociais e culturais avessos a todas as formas de reflexão, a miséria programática dos meios de comunicação de massa, certamente estão na raiz da massificação cultural e do empobrecimento da consciência crítica que caracteriza o contexto social atual. Como promover, considerando tal cenário cultural e social, um saber mais abstrato e duradouro, que se ocupe de questões universais, discuta e cultive a tradição, investigue princípios e fundamentos dos saberes em geral, ou seja, que tenha força crítica e uma capacidade para problematizar superior ao seu potencial e pretensão de oferecer respostas a problemas e demandas mais urgentes e imediatas?

As preocupações teóricas daqueles que fazem frente às ilusões da consciência alienada e massificada, que pensam na possibilidade de consciência crítica e de autonomia de pensamento, encontram, na tradição filosófica, recursos teóricos substanciais para alicerçar a perspectiva da razão reflexiva. É possível pensar em aspectos do atual contexto social e cultural a partir da interação entre filosofia e mundo, cujo debate contempla o estudo crítico da tradição filosófica sem descuidar da interpretação filosófica dos dilemas que ocupam os sujeitos no atual contexto de sociabilidade humana.

Para contribuir com tal perspectiva, vamos apresentar e exemplificar, a partir de algumas referências em textos do jovem Marx, a experiência de um debate (realizado principalmente através de escritos de imprensa), que confronta a tradição filosófica com os dilemas do contexto social, evidenciando que a filosofia pode realizar um diálogo fecundo e esclarecedor, tratando temáticas diversas e usando linguagens adequadas a distintos contextos e sujeitos sociais. A abordagem buscará apresentar, a partir de alguns escritos, tópicos que mostram a força e a vitalidade da experiência de um debate filosófico realizado fora das instituições formais

da educação, e que pode servir de referência para estimular a busca de recursos teóricos e metodológicos capazes de contribuir ao fomento do diálogo filosófico nos novos espaços de interação disponíveis e amplamente utilizados na vida cotidiana dos jovens.

O propósito acima não pretende, em absoluto, estabelecer qualquer relação entre épocas e contextos históricos da produção ou recepção filosófica, mas apenas mostrar que é possível realizar interlocução entre tradição filosófica e temas e questões relevantes da época, criando condições adequadas às exigências de distintos contextos formativos, seja no campo da cultura em geral, seja no universo da cultura filosófica.

Assim, diante de um conjunto de críticas às tendências meramente especulativas e acadêmicas da cultura filosófica, se pretende apontar, no interior da tradição filosófica, a possibilidades teóricas atentas aos dilemas que ocupam a comunidade humana. Cabe registrar que os textos a serem referidos são escritos jornalísticos e artigos escolhidos por terem como propósito a crítica pública, aberta e livre, onde o autor debate distintos pontos de vista sobre temáticas diversas, mas centrais, da dinâmica da vida social. Debates estimulados pela força com que tais questões se apresentam e afetam os interesses e as necessidades do cotidiano humano e, ao mesmo tempo, desafiam o filósofo a buscar elementos teóricos na tradição para fundamentar e qualificar sua ação crítica.

Filosofia e crítica

Nos anos de 1970 e 1980, uma das referências mais referidas e conhecidas dos textos do jovem Marx era a “XI das Teses ad Feuerbach”: “Os filósofos se limitaram em interpretar o mundo de diferentes maneiras; o que importa é transformá-lo”. (MARX, 1996, p. 14). Desgastada pela forma panfletária com que foi popularizada, a tese acabou por ser delegada ao uso pragmático e imediato de movimentos e entidades sociais. Em tal condição, perdeu-se justamente o lastro de um debate filosófico mais amplo exercido por Marx a partir do movimento dos jovens hegelianos de esquerda, ou seja, a “XI das Teses ad Feuerbach” é um dos resultados a que Marx chegou a partir de um fértil debate entre a tradição filosófica da época e os grandes fatos e eventos que moviam os homens e as nações da Europa da época. Ou seja, Marx concebe a filosofia como atividade racional capaz de formar a consciência dos homens acerca de suas próprias criações teóricas, assim como de seu contexto histórico social. A filosofia, assim concebida, se torna autocrítica da tradição de pensamento e crítica

do real. Esse constitui, no nosso entendimento, um campo temático a ser explorado para promover uma interação efetiva entre filosofia e cultura, seja no campo da formação escolar, seja no universo dos espaços de comunicação em geral.

Acompanharemos alguns momentos dessa postura teórica característica do trabalho filosófico de Marx, nos anos iniciais de sua formação intelectual.

Em carta ao pai, de 10 de novembro de 1837, na qual faz uma avaliação de seu primeiro ano na academia, Marx revela que o encontro com a filosofia deu-se em meio ao estudo da jurisprudência, dos nexos entre a forma e o conteúdo do Direito e afirma que “sem filosofia não era possível penetrar nos problemas”. (MARX, 1981, p. 7). Na carta, onde já questiona o pensamento de Kant e Fichte, afirma que é preciso dedicar-se “a buscar a ideia na realidade mesma”. Confessa, ainda, que, acometido por uma enfermidade, aproveitou o período para estudar de “cabo a rabo Hegel e a maioria de seus discípulos”, ou seja, dedicou-se ao estudo da “atual filosofia do mundo” (MARX, 1981, p. 10-11). Fica clara a disposição de, por um lado, fazer do real o objeto do trabalho filosófico e, por outro, dedicar-se ao estudo da tradição filosófica.

A ideia de uma relação interativa entre filosofia e mundo ganha força na *Tese Doutoral*, quando Marx, ao tratar da transformação do mundo, afirma que essa não pode ser o resultado de uma constante oposição, mas da interação entre espírito e mundo. Distinto dos jovens hegelianos para os quais é a consciência universal que determina a marcha da história, para Marx é a interação entre espírito e mundo. (CORNU, 1965, p. 240). Segundo Bermudo (1975), no ano de 1841, em plena afirmação da crítica filosófica e da autoconsciência, Marx já manifestava preocupação com a ação transformadora da filosofia, ainda que concebida como resultado da atividade do espírito. Em face dos neo-hegelianos, que opõem de forma abstrata a filosofia ao mundo fenomênico, Marx recorre à dialética hegeliana imanente ao mundo, mas dele se distingue porque entenderá o mundo como “realidade em si, independente do espírito”. (p. 43).

Ou seja, a *Tese Doutoral* revela traços marcantes da formação filosófica de Marx, quando fica claro o espírito de crítica e de luta, assim como a “vontade de realizar a filosofia da consciência no seu conflito com o mundo, que está situado entre duas correntes: o partido liberal que tem por princípio a filosofia e por ato a crítica; e a filosofia positiva, encerrada

em si mesma, e que não vai além de reivindicações e tendências”. (RUBEL, 1991, p. 19).

Concluída a *Tese Doutoral*, Marx, assim como quase todos os intelectuais liberais alemães na década de 40 do século XIX, não encontrou espaço nas universidades, de maneira que ingressou em atividades da imprensa. Participou do projeto editorial da *Gazeta Renana*, da qual foi membro fundador, articulista e redator-chefe.

Os trabalhos de imprensa mostram de forma clara a possibilidade de discutir filosoficamente assuntos variados da época. A filosofia pode realizar, em espaços e formas distintas, um trabalho de crítica e divulgação acerca dos mais variados temas que movem a comunidade humana. A opção pela imprensa dá a Marx a oportunidade de exercer uma análise filosófica rigorosa sobre diversas temáticas de caráter político, econômico, social e cultural, nunca descuidando de debater a questão da imprensa como tal. Discutir filosoficamente na imprensa temas da realidade é também opção teórica e política, compromisso com o desenvolvimento cultural da época. Marx define a imprensa como a “mais poderosa alavanca da cultura e da educação espiritual do povo” porque constitui a mais ampla esfera de atividades do espírito e, como tal, “transforma a luta material em luta ideal, a luta da carne e sangue em luta do espírito, a luta da carência, do apetite, da empiria, numa luta da teoria, do entendimento, da forma”. (FL, 1987, p. 272). Essa afirmação entusiasta e clara mostra o interesse do jovem filósofo pela formação do espírito cultural da Alemanha da época. Evidencia, igualmente, que há condições de levar a filosofia ao interesse público, ao espaço aberto da imprensa, ao diálogo sobre os mais diversos temas e com os mais variados sujeitos.

A defesa por uma postura filosófica capaz de interagir com a cultura de seu tempo vem acompanhada de uma severa crítica ao que seriam os entraves ao desenvolvimento cultural da Alemanha, ao “espírito alemão” da época. Entraves causados pelos intelectuais oficiais, os burocratas, a filosofia acadêmica que deixou de ser a língua do pensamento e os próprios professores universitários. O “espírito da época” não é expresso livremente em sua diversidade e riqueza, porque está numa relação de exterioridade com a verdadeira vida popular, o que constitui a razão básica do lento desenvolvimento político da Alemanha. É a época em que os

sábios por profissão, corporação ou por privilégio, os doutores e outros especialistas, os escritores universitários sem caráter do século XVII e XVIII, com suas tranças duras, o seu elegante pedantismo e as suas minúsculas dissertações micrológicas, se puseram entre o povo e o espírito, entre a vida e a ciência, e entre a liberdade e o homem. (MARX, 1987, p. 215).

A filosofia alemã, segundo Marx, está dissociada da realidade: o “espírito do tempo” não pode ser procurado nos jornais e nem nos livros. A filosofia alemã apresenta, como uma de suas características básicas, permanecer distante do mundo de seu tempo, ocupando-se, acima de tudo, da construção de sistemas ordenados de forma lógica, mas não conciliados com sua época. A propósito, Marx, em meados de 1842, criticou os princípios abstratos da visão política de Moses Hess (no fragmento que escreveu a respeito do artigo “O Problema da Centralização visto em si mesmo e em relação ao Suplemento de número 137 da Gazeta Renana, de 17 de maio de 1842)” e afirma que “a filosofia deve protestar quando é confundida com a imaginação”. (MARX; ENGELS, 1980, p. 184).

Ainda no artigo “Editorial do N° 179 da Gazeta da Colônia”¹ ao criticar os fundamentos religiosos do Estado, Marx atribui à filosofia a tarefa de cuidar dos assuntos terrenos. Aqui ele não está falando das instituições escolares, mas da imprensa, que se apresenta como espaço privilegiado para o desenvolvimento do espírito da época. Das críticas às formas de bloqueio da relação entre “a vida e a ciência”, é particularmente forte a crítica dirigida ao caráter antipopular da filosofia alemã, sua solidão sistêmica e desapaixonada introspecção. Antes de ir aos jornais, a filosofia se opunha à imprensa; existia uma oposição entre os isolados sistemas filosóficos, distantes da realidade cotidiana, e a atividade da imprensa, preocupada em reagir e comunicar imediatamente os fatos cotidianos.

A filosofia, sobretudo a filosofia alemã, tem uma inclinação pela solidão, ao isolar-se em sistemas, à apaixonada autocontemplação, de forma que desde o início se contrapõe estranhamente ao caráter dos jornais, os quais reagem imediatamente aos últimos acontecimentos, e se

¹ Publicado entre 10 e 14 de julho de 1842 na *Rheinische Zeitung* em resposta a Karl Heinrich Hermes, redator político da *Gazeta de Colônia*, defensor da Igreja Católica e contra o protestantismo.

satisfazem apenas na comunicação. A filosofia, entendida no seu desenvolvimento sistemático, é antipopular; o seu tecer secreto, no próprio íntimo, aparece aos olhos profanos como um estéril esforço sem praticidade. (MARX; ENGELS, 1964, p. 11).

O fato de a filosofia ter permanecido fora da atividade cotidiana da imprensa não significa que tenha vivido fora do “espírito do mundo”. Como oposição ao mundo, a filosofia não apenas se esforçava para entendê-lo, mas para transformá-lo. O distanciamento entre a filosofia e o mundo real não significa que os filósofos

brotam da terra como os fungos, mas são os frutos de seu tempo e seu povo, cuja seiva mais sutil, mais valiosa e mais invisível circula nas ideias filosóficas. O mesmo espírito que constrói os sistemas filosóficos no cérebro dos filósofos constrói as ferrovias pelas mãos dos operários. (MARX, *Editorial 179*, p. 230).

Marx aposta na reconciliação entre filosofia e mundo, e já que o mundo é o mundo da cabeça, e a filosofia é a essência espiritual de seu tempo, chegará o dia em que ela se

Mant[é]ra em contato e em intercâmbio com o mundo real de seu tempo, não só interiormente, por seu conteúdo, mas também exteriormente, por seu modo de manifestação. Então a filosofia deixará de ser um sistema determinado frente a outros, para converter-se na filosofia geral frente ao mundo, na filosofia do mundo atual. (MARX, *Editorial 179*, p. 230).

Segundo o parecer de Rossi, neste artigo, Marx parte do princípio de que a filosofia pertence à totalidade do mundo, do qual se encontrava afastada. É, pois, o momento em que Marx sustenta a origem mundana da filosofia. (1971, p. 97). Na mesma direção, vai a análise de Cornu, segundo a qual Marx exige que a filosofia abandone a especulação abstrata e tome contato com a realidade. A filosofia é considerada por Marx a mais elevada expressão de uma época; nasce das tendências e necessidades de seu tempo e deve, também, atuar sobre seu tempo e dirigir seu desenvolvimento. A filosofia, pois, orienta a marcha racional do mundo, de forma que é sua tarefa discutir questões terrenas.

Nesse interim, embora esteja inserido no movimento-liberal dos jovens hegelianos, Marx manifesta concepções próprias em relação às condições de interação entre pensamento e realidade. Realidade composta por contradições que, segundo ele, por longo tempo, existiram externamente, fora do mundo da atividade do espírito ou da cultura.

A introdução da filosofia no mundo pela imprensa, sua atuação como atividade pública, lhe permite iluminar o espírito público e realizá-la como conhecimento voltado à verdade. A filosofia pode falar por si, dispõe de recursos para falar sobre assuntos diversos tanto no terreno da filosofia quanto no da religião. Ao criticar as censuras de natureza religiosa ao debate filosófico na imprensa, Marx apresenta algumas daquelas que considera ser determinações da linguagem filosófica, voltada à busca do conhecimento como um valor em si:

A filosofia fala diversamente sobre objetos filosóficos e religiosos do que vós tendes falado. Vós falais sem estudo, e ela fala com estudo. Vós vos voltais à paixão, e ela volta-se à razão. Vós amaldiçoais, e ela ensina. Vós exigis a fé nos vossos resultados, ela não exige fé nos seus, mas que se examine a dúvida. (MARX; ENGELS, 1964, p. 13-14).

Outro momento em que Marx apresenta traços de uma concepção filosófica voltada ao exame de assuntos terrenos é numa polêmica com a *Gazeta de Colônia*, que questionava a discussão filosófica de assuntos políticos num Estado cristão. Aqui Marx define a filosofia como sabedoria do mundo.

A sabedoria do mundo, a filosofia, tem mais direito de ocupar-se do reino deste mundo, do Estado, do que a sabedoria do outro mundo, a religião. Não se pergunta se sobre o Estado cabe filosofar, mas se cabe fazê-lo bem ou mal, filosófica ou anti-filosoficamente, com preconceitos ou sem preconceitos, consciente ou inconscientemente, com ou sem coerência, racional ou semi-racionalmente. (MARX; ENGELS, 1964, p. 14-15).

Discutir assuntos terrenos não constitui problema para a filosofia porque o faz filosoficamente, isto é, sem preconceitos, nem incoerências ou irracionalidades. Há, portanto, condições explícitas de como a filosofia

pode se ocupar de assuntos do cotidiano da vida social sem perder seu caráter próprio, de ser um conhecimento racional, rigoroso, coerente e crítico.

Certamente, a experiência de Marx como articulista e redator-chefe da *Gazeta Renana* foi fundamental na sua concepção de filosofia e na própria formação filosófica. Foi assim que ele entrou em contato com os interesses materiais, com questões de natureza política e econômica. Conforme confessa mais tarde, na *Introdução à crítica da economia política*, saiu do trabalho de imprensa duvidando de sua primeira base filosófica, condição, diante da qual, optou pelo gabinete de estudos, quando buscou resolver dúvidas teóricas pela “revisão da filosofia do direito de Hegel”. A resolução da dúvida veio constituir-se na obra conhecida como *Crítica da filosofia do Direito de Hegel*, que, de fato, é uma prestação de contas com o idealismo hegeliano. Após criticar Hegel, Marx publica nos *Anais franco-alemães*, uma “Introdução”, texto do qual queremos destacar o princípio filosófico da crítica. Não é desconhecido o fato de que boa parte das obras de Marx inclui, em seu título, o termo *crítica*. Não é um termo casual. A filosofia marxiana é essencialmente crítica. O caráter duplo da crítica é um traço marcante: crítica da tradição e crítica da realidade. Então, da “Introdução” e também das correspondências preparatórias, queremos destacar, rapidamente, tal postura metodológica.

Em setembro de 1843, na última carta a Ruge antes de mudar-se para Paris, Marx fala dos princípios e propósitos dos *Anais franco-alemães*. Na carta, confessa não haver dúvidas quanto ao *de onde veio, mas sim o para onde ir*. A dúvida, todavia, lhe sugere uma vantagem “de não antecipar dogmaticamente o mundo, mas querer encontrar o mundo novo por meio de crítica ao velho”. (CARTA DE SETEMBRO A RUGE, 1987, p. 458).

O dogma é a razão que se sabe como autoposta, ao passo que a crítica² é a razão em dúvida quanto aos resultados de seu próprio alvo. A questão aqui levantada é a relação entre crítica filosófica e mundo. É da crítica à ordem social estabelecida, ao velho mundo, que emerge a ideia de um mundo novo. A vantagem da dúvida deriva da posição inversa à postura dogmática, que resulta da relação de exterioridade entre pensamento e mundo, do isolamento filosófico, que não se lança sobre

² Em Marx, a crítica é o “toque de alvorada da Alemanha, sua preceptora em liberdade”. (ASSOUN; RAULET, 1981, p. 33).

o *enigma do mundo*. Ao mundo, como enigma, a filosofia apresenta soluções como dogmas. A função da crítica é esclarecer as “abstrações dogmáticas” e desenvolver a razão do “objeto segundo seu fim último, isto é, dar forma racional ao seu conteúdo já racional” (CARTA DE SETEMBRO A RUGE, 1987, p. 459).

O caráter crítico da filosofia aparece com toda intensidade na *Crítica da filosofia do Direito de Hegel: introdução* (2005), em cuja “Introdução” Marx apresenta o percurso pelo qual o movimento da crítica vai da representação religiosa, passa pelas ilusões políticas, até chegar ao “vale de lágrimas” que provoca as ilusões da consciência. (MARX, 2005, p. 145). Aqui a crítica à religião é o pressuposto de toda crítica na Alemanha. Pressuposto atendido na medida em que Feuerbach desmascarou as verdades do além, a “forma sacra da auto-alienação humana”. Se Feuerbach compreendeu que “o homem faz a religião” e não a religião, o homem, é porque entendeu que a religião é uma consciência do mundo invertida, justamente porque os mundos político e social estão invertidos. A crítica à religião não é um fim em si mesmo, mas uma crítica “àquele mundo cujo aroma espiritual é a religião”. (MARX, 2005, p. 145).

Com a crítica à religião levada a termo, também a “existência profana do erro ficou comprometida”; sem a “realidade fantástica do céu”, o homem deve procurar sua verdadeira realidade onde antes apenas via a aparência de si mesmo. “O homem é o *mundo do homem*, o Estado, a sociedade”. (MARX, 2005, p. 145). Assim, o objeto da crítica passa a ser a forma profana da autoalienação. Depois que o outro mundo da verdade, a “forma sacra da auto-alienação humana”, se desvaneceu, Marx apresenta a política³ como o segundo momento através do qual a crítica filosófica alcança o verdadeiro chão. “A crítica do céu transforma-se deste modo em crítica da terra, a *crítica da religião em crítica do direito, e a crítica da teologia em crítica da política*”. (MARX, 2005, p. 146).

O que Marx apresenta na “Introdução” é uma espécie de programa pelo qual a filosofia, além de realizar crítica à tradição, realiza atividade de formação da consciência acerca das condições ideais e materiais da existência humana.

³ “De Feuerbach a Marx, o jogo da crítica se politizou ao se especificar; não é por acaso que Marx escreve uma crítica da Filosofia hegeliana do Direito e do Estado, enquanto Feuerbach se limita a uma crítica geral, ou lógica, da Filosofia de Hegel”. (ASSOUN; RAULET, 1981, p. 40-41).

Assim, Marx parte da história alemã e da filosofia hegeliana, essa concebida como prolongamento ideal de um contexto social anacrônico. A história alemã está numa relação anacrônica com seu tempo; a filosofia alemã está além de seu tempo. “Somos contemporâneos *filosóficos* da época atual, sem sermos os seus contemporâneos *históricos*. A filosofia alemã constitui o *prolongamento ideal* da história da alemã”. (MARX, 2005, p. 150). O objeto da crítica filosófica está à altura da questão da época, ou seja, na Alemanha, a inexistência de ruptura prática com a história vem acompanhada de “ruptura crítica com o reflexo filosófico dessas situações”. (MARX, 2005, p. 150). A filosofia alemã não está em descompasso com o mundo de seu tempo. “A *filosofia alemã do direito e do Estado* é a única história alemã que está *al pari* com a época moderna *oficial*”. (MARX, 2005, p. 150). A crítica, portanto, precisa abarcar não só a situação existente, mas também sua prolongação abstrata.

Marx identifica, em Hegel, a “expressão última, a mais conseqüente e a mais rica” filosofia alemã do Direito e do Estado, porque é uma filosofia “crítica do Estado moderno e da realidade relacionada com ele” e a negação do modo anterior da consciência política e jurídica alemã”, que é a filosofia especulativa do Direito. (MARX, 2005, p. 151).

Marx afirma que a filosofia hegeliana não apenas ajustou contas com velhas formas de consciência, de seu caráter não racional, mas, igualmente, apresentou, com espírito crítico, as determinações do Estado moderno e sua efetivação em direção ao mundo. Essa posição clara que, na “Introdução”, põe Hegel como crítico não só das relações políticas pré-modernas, mas do próprio Estado moderno, encontra, como veremos depois, desdobramentos no interior da crítica ao texto hegeliano como um todo, onde Marx identifica os elementos teóricos que apreendem as contradições do mundo moderno. Assim, na medida em que a consciência filosófica alemã expressa a efetividade política moderna, expressa igualmente seus limites. Da mesma forma como o “*status quo constitui a evidente consumação do ancien regime e o ancien regime é a imperfeição oculta do Estado moderno*”. (MARX, 2005, p. 148). A partir do contraste entre realidade e filosofia alemã, Marx relativiza o sistema hegeliano, haja vista que, se esse tivesse atingido sua completude, não possibilitaria avanços.

Esta proposição permite observar que, ao analisar fatos determinantes da vida política alemã, seu atraso em relação ao movimento político da Revolução Francesa, Marx se volta à leitura crítica daquela obra filosófica

que considera a “expressão última, a mais consequente e a mais rica” (MARX, 2005, p. 150) acerca da sociedade civil e do Estado modernos. Posição que mostra uma postura teórica cuja fundamentação reside tanto na interpretação filosófica da realidade quanto na investigação dos ramos de ponta da ciência de seu tempo. Esse é um ponto de vista que nos parece fundamental para pensar o ensino de filosofia.

Entretanto, quando o próprio Estado moderno se tornou objeto de crítica, o primeiro passo foi dado pela revisão da *Filosofia do Direito de Hegel*, movimento no qual o ideal do Estado racional é confrontado com a sociedade civil. Essa é apresentada como fundamento da existência humana e base da vida política. A inversão da relação entre as esferas se fez acompanhar de crítica radical às contradições no tecido social e da reivindicação de sua superação, não mais na vida política como em Hegel, mas na própria esfera material. Doravante, essa seria a questão que moveria as preocupações de Marx, o que o leva a realizar uma investigação filosófica a partir do desenvolvimento máximo do objeto. Quando, no texto da “Introdução”, surge o tema *moderna realidade social e política*, no exemplo da relação entre a indústria, o mundo da riqueza em geral e o mundo político, se a crítica se eleva aos “problemas fundamentais dos tempos modernos”, o “*status quo* alemão” é extemporâneo, porque começa a discutir aquilo que já terminou na França e na Inglaterra. Nesses países, o problema é de “economia política ou domínio da sociedade sobre a riqueza, enquanto na Alemanha apresenta-se deste modo: economia política ou o domínio da propriedade privada sobre a nacionalidade”. (MARX, 2005, p. 149). Não é por acaso que a Alemanha não se constitui no foco para a discussão da moderna sociedade civil, visto que essa se encontra mais desenvolvida e teorizada, por exemplo, na Inglaterra. A investigação da “relação da indústria, do mundo da riqueza em geral, com o mundo político” – um dos problemas modernos fundamentais – não encontra solo firme na Alemanha. A crítica não pode ater-se ao contexto alemão quando “se ocupa da *moderna* efetividade social e política, elevando-se, assim, aos problemas humanos autênticos”. (MARX, 2005, p. 149). Ou quando a crítica “penetra nos problemas reais”, conforme Marx afirma em artigo do *Glosas críticas*, é a economia política inglesa “o reflexo científico da situação econômica inglesa” (GC, 1995, p. 451, p. 73) que contribui para a sua interpretação.

A descoberta, a partir de Hegel, da relevância da sociedade civil e da investigação de seus fundamentos a partir dos primeiros estudos de

economia política, leva Marx à descoberta de contradições no interior da sociedade burguesa, da organização da produção e do trabalho, do antagonismo de classes e de interesses. Doravante, a sociedade civil, base material constituída pelas relações econômico-sociais da produção e reprodução da vida, é que dará o suporte básico para tratar do universo político, posição, essa, registrada por Marx na clássica passagem escrita noo “Prefácio” de *Para a crítica da economia política*, de 1858-1859, em referência ao empreendimento teórico da revisão crítica de Hegel em meio ao assédio da dúvida.

Minha investigação desembocou no seguinte resultado: relações jurídicas, tais como formas de Estado, não podem ser compreendidas nem a partir si mesmas, nem a partir do assim chamado desenvolvimento geral do espírito humano, mas, pelo contrário, elas se enraízam nas relações materiais de vida, cuja totalidade foi resumida por Hegel sob o nome de sociedade civil, seguindo os ingleses e franceses do século XVIII; mas que a anatomia da sociedade civil deve ser procurada na Economia Política. (MARX, 1978, p. 129).

Conclusão

A defesa marxiana de uma postura filosófica capaz de interagir com a cultura de seu tempo vem acompanhada de uma severa crítica ao que seriam os entraves ao desenvolvimento cultural da Alemanha, ao “espírito” alemão no século XIX. Entraves causados pelos intelectuais oficiais, os burocratas, a filosofia acadêmica que deixou de ser a língua do pensamento e os próprios professores universitários. A introdução da filosofia no mundo pela imprensa, sua atuação como atividade pública, permite iluminar o espírito público e realizá-la como conhecimento voltado à verdade. A filosofia pode falar por si só, pois dispõe de recursos para falar sobre assuntos diversos tanto no terreno da filosofia quanto no da religião. Os trabalhos de imprensa mostram, de forma clara, a possibilidade de discutir filosoficamente assuntos variados da época. A filosofia pode realizar, em espaços e formas distintas, um trabalho de crítica e divulgação acerca dos mais variados temas que movem a comunidade humana.

O princípio da crítica acompanha Marx desde os artigos publicados na *Gazeta Renana*. Ao examinar o Estado alemão, seu atraso em relação ao Estado político moderno, estilizado por Hegel como racional e

universal, Marx tomou como parâmetro a filosofia hegeliana e a Revolução Francesa, ou seja, o máximo desenvolvimento teórico e prático da vida política moderna.

São justamente os dilemas sociais com os quais Marx se ocupa no debate da imprensa e os limites que aponta ao revisar criticamente a filosofia política de Hegel, que o levam à descoberta da sociedade civil como sendo o verdadeiro cenário da atividade e da existência humana. Doravante, essa forma a fonte de um vasto debate no interior do qual Marx descobre, no peso das condições materiais, a base da apreensão dos elementos fundamentais que estão em jogo no universo das relações entre consciência e mundo, mostrando que um novo mundo precisa de nova filosofia, condição pela qual perspectiva a emancipação social.

REFERÊNCIAS

Artigos jornalísticos citados em: MARX, Karl. *Marx: escritos de juventud*. México: Fondo de Cultura Económica, 1981. (coleção Obras Fundamentales, v. 1). FL – *Debates sobre la ley castigando los robos de leña*, p. 248-283. Editorial 179 – *El editorial del número 179 de la Gazeta de Colonia*, p. 220-236. OLH – *La oposición liberal en Hannover*, p. 284-285. LI – *Los debates de la VI Dieta Renana – artículo primero: los debates sobre la libertad de prensa y la publicación de los debates de la Dieta*, p. 173-219.

Artigos jornalísticos citados em: MARX, Karl. *Roma*: Riuniti, 1980. (Opere, I). JCM – Giustificazione de corrisponente della Mosella, p. 344-375. SAZACCP – I supplementi ai nn. 335 e 336 della Algemeine Zeitung di Augusta sui comitati dei ceti in Prússia, p. 299-314. RCKZ – La riforma comunale e la Kölnische Zeitung, p. 272-279.

ASSOUN, Paul-Laurent; RAULET, Gérard. *Marxismo e teoria crítica*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

BERMUDO, José Manuel. *El concepto de praxis en el joven Marx*. Barcelona: Península, 1975.

CORNU, Auguste. *Carlos Marx, Federico Engels: del idealismo al materialismo histórico*. Buenos Aires: Platina; Stilcofrag, 1965.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Opere I: Karl Marx 1835-1843*. Roma: Riuniti, 1980.

MARX, Karl; ENGELS, Friederich. *Obras Fundamentales*. Marx, escritos de juventud. Trad. de Wenceslao Roces. México: Fondo de Cultura Económica, 1987.

MARX, Karl. *Carta a Ruge* (setembro de 1843). In: MARX, K.; ENGELS, F. *Engels, escritos de juventud*. México: Fondo de Cultura Económica, 1987. p. 457-460. (Coleção Obras Fundamentales, v. 1).

MARX, Karl. *Crítica da filosofia do Direito de Hegel*: introdução. São Paulo: Boitempo, 2005.

MARX, Karl. *Glosas críticas ao artigo: “O rei da Prússia e a reforma social”. Por um prussiano (Vorwärts!)*. *Práxis*, Belo Horizonte, n. 5, 1995.

MARX, Karl. *Os pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

ROSSI, Mário. *La génesis del materialismo histórico II: el joven Marx*. Madrid: Alberto Corazón; Comunicación, 1971.

Submetido em 31 de julho de 2015.
Aprovado em 10 outubro de 2015.